

**A PALAVRA E O SER EM FERNANDO PAIXÃO: UMA APRESENTAÇÃO DE  
PORCELANA INVISÍVEL**

**THE WORD AND THE BEING IN FERNANDO PAIXÃO: A PRESENTATION OF  
PORCELANA INVISÍVEL**

Suzel Domini dos SANTOS<sup>1</sup>

A modernidade lírica legou à poesia a consciência excessiva do fazer. Mais que isso, podemos dizer que o intenso trabalho de elaboração da linguagem empreendido pelos poetas modernos legou à contemporaneidade a consciência excessiva do peso das palavras, pois tal trabalho se atém à potencialidade evocadora dos signos, ambicionando a concretude dos segredos do mundo, para além da aparência imediata das coisas e de toda referência gasta. No âmbito da poesia brasileira contemporânea, podemos destacar Fernando Paixão como poeta cujo projeto estético faz ressoar fortes traços dessa modernidade, uma vez que sua poesia explora com extremo rigor o concreto da palavra, extraíndo daí uma musicalidade única, bem como uma textura imagética plena de verdade sensível.

Nascido em Portugal, no ano de 1955, o poeta erradicou-se no Brasil, onde vive desde a infância. Fernando Paixão publicou, até este momento, sete livros de poesia, sendo eles: *Rosa dos tempos* (1980), *Fogo dos rios* (1989), *25 azulejos* (1994), *Poeira* (2001), *A parte da tarde* (2005), *Palavra e rosto* (2010) e *Porcelana invisível* (2015). Observamos que a distância cronológica entre suas publicações mostra-se bastante extensa, e isso aponta para o cuidado, para a preocupação que o poeta dispensa à composição e ao trato da linguagem. *Porcelana invisível*, livro mais recente de Paixão, lançado pela editora Cosac Naif, reafirma com grande potência a poética do autor, e é sobre essa obra, em especial, que nos debruçamos aqui.

A princípio, destacamos a organização do livro, que está dividido em três grandes partes. A primeira delas, denominada “Relva na pele”, apresenta dez poemas breves, prosaicos e densos em imagens que evocam a relação entre linguagem e erotismo, instaurando um jogo de manuseio e desnudamento dos signos, conforme sugere o poema “Jogadas” (p. 15). “Nus, os corpos abrem seixos,

---

1. Doutora em Teoria e Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/SJRP). Pós-doutoranda, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/PNPD), na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). E-mail: su.domini@yahoo.com.br.

tocam o selo imóvel”, diz um de seus versos, e a partir dele é possível observar que Fernando Paixão dispõe das palavras como se dispusesse de corpos famintos de si mesmos. Os signos são lançados no espaço do poema, e eles se roçam e incendiam, transbordando na sonoridade espelhada de “seixos” e “selo”, instituindo uma linguagem plena de ser. A organização realizada pelo autor, das palavras no verso e dos versos no poema, manifesta-se como um vasto horizonte de possibilidades. Sedutoras, as construções abrem-se para os olhos e a reflexão do leitor, convidando-o a uma rica experiência de sentidos, tanto no plano do sensível quanto do inteligível: “Fixamos as mesmas perguntas nas esquinas / e abre-se um labirinto de portas” (p. 25).

A segunda parte é homônima ao livro e, por sua vez, subdivide-se em dois blocos de vinte textos cada, “I – Por Dentro” e “II – Por fora”. No primeiro bloco de poemas, a voz lírica de Fernando Paixão evidencia o “vazio”, o interior de sua peça de “porcelana”. “Pedalar em branco” (p. 43), “esvaziar a cabeça e aceitar o manto negro, diante do poema que se apaga” (p. 49), “resolver o semblante da própria face” (p. 52), “deixar-se olhar por esqueletos ocios, por crânios vazios” (p. 53), eis algumas das composições imagéticas que apontam para uma espécie de silenciamento do sujeito lírico, mas esse silêncio apresenta-se ensurdecido na musicalidade dos versos e na concretude das palavras: aquilo que “resta calado”, mesmo em “nó de silêncio”, “deixa um rastro / informe e fundo / para um rosto gasto” (p. 40). Já no segundo bloco, notamos um enfoque da matéria, dos elementos que são utilizados para dar forma ao objeto de “porcelana”. “Vidro”, “cristal”, “algodão”... tudo serve às mãos do poeta-artesão para armar a estrutura, até mesmo os elementos mais simples e irrelevantes. O olhar atento e ousado da poesia flagra o mundo em detalhes, penetra as fendas da superfície imediata das coisas, materializando o insondável.

A última parte, enfim, recebe o nome de “Brevidades”, e está composta por vinte poemas curtos que lembram a forma do haikai. A partir do poema “Feitiço” (p. 99), por exemplo, podemos notar a força de evocação que a poesia de Fernando Paixão engendra: “Num dia da semana / as sombras acordam / tomam-se de vida / e degolam os objetos”. O concreto das imagens nos atinge como um soco, ressaltando o próprio modo de ser dessa poesia, a singularidade do projeto do autor, uma vez que “as sombras” podem ser lidas, dentro de uma perspectiva metalinguística, como metáfora da própria linguagem poética, que se transforma num duplo estético da vida, numa presença concreta e autônoma, plena de ser.

Partindo de uma visão geral sobre o livro, podemos dizer que *Porcelana invisível* nos remete a uma busca pela poesia das coisas ou, mais que isso, à poesia enquanto busca: como “um místico no encaço de um só nome, porta definitiva, grão lírico da noite” (p. 56), o poeta procura. Sublinhamos que a linguagem de Paixão se equilibra num movimento tensional, marcado pela ação concomitante da consciência e do desejo. Em alguns momentos, a enunciação demarca a ideia de que o signo não é capaz de tocar e concretizar a verdadeira essência das coisas, e daí o poético parece resvalar para o silêncio, única possibilidade: “palavras não bastam / o olho não sabe dizer / melhor ficar mudo.” (p. 40). Em outros pontos, flagramos um forte impulso que impele o sujeito lírico, um desejo de ultrapassar os limites impostos pelas convenções a fim de concretizar um mundo novo: “Não tenho idade certa nem sei / a palavra que oferece abrigo / aos sonhos dos meus olhos // por desejar o que está além / do grito silenciado e oculto” (p. 59).

No que se refere a essa tensão, podemos afirmar que, por mais que a poesia se mostre frágil na tentativa de alcançar o ser das coisas valendo-se do dizer, “crescemos entre os clarões diários / em busca de paisagens” (p. 67). Ou seja, a busca se justifica pelo fato de que a poesia pode nos oferecer algo, a deflagração do poético em nós pode proporcionar a experiência de rever o mundo, de redescobri-lo: “perco-me dos deuses / encontro refúgio em detalhes” (p. 61).

A linguagem da poesia rompe com o habitual, promovendo um aniquilamento das camadas referenciais que desarma o súbito reconhecimento do leitor e neutraliza categorias ou valores previamente dados. Encarnando-se, o signo passa a novo-signo, negando toda e qualquer certeza preestabelecida, de maneira que se manifesta como possibilidade cognoscível: única certeza possível no espaço do poema. O propósito da construção poética, em Fernando Paixão, não se atém à representação do visível, mas, sim, a incorporar o não visível. A palavra ergue-se forte em sua concretude, fundando-se como realidade íntegra e cognoscível, ainda que ficcional. Na medida em que realiza uma reinvenção complexa dos signos, desfazendo os nós da referência habitual e tramando novas ligações que desafiam o leitor a redescobrir o mundo, a poesia constrói uma nova dimensão do Ser.

No poema “Fábula marinha” (p. 75-76), “o peixe que se quer solúvel” mistura-se à água, valendo-se de sua invisibilidade de “cristal”. Mas a rigidez da pedra corta o elemento líquido, e o atravessa. Assim é a poesia de Paixão, que se apresenta no rigor de uma estrutura composta: invisível, mas sonora e concreta.

Fixadas nas palavras sobre o papel, as imagens ganham vida no ato da leitura, pela imaginação do leitor. É precisamente aí que essa poesia se afirma, enquanto linguagem: a palavra concretiza o ser da própria poesia. Aquilo que o poeta de fato constrói constitui-se como realidade poética; as imagens não podem ser vistas a olho nu, mas podem assaltar com força nossa imaginação, redirecionando o modo como percebemos o mundo. Fernando Paixão encara as coisas “como quem se detém na pupila / dos gatos / e dedilha o vazio nos bolsos” (p. 43), ou, dito de outro modo, ao empreender uma busca pelo coração das coisas, sua poesia nos leva ao ser da própria linguagem, sua linguagem.

## REFERÊNCIA

PAIXÃO, Fernando. *Porcelana invisível*. São Paulo: Cosac Naif, 2015.